

JACOB PÉTRY

As simples
atitudes
que nos fazem
ter sucesso
em tudo
o que
realizamos

óbvio

que ignoramos

Ficha Técnica

Título original: *O Óbvio Que Ignoramos*

Autor: Jacob J. Pétry

Revisão: Domingas Cruz

Capa: Neusa Dias / Oficina do Livro, Lda.

ISBN: 9789895559961

ESTRELA POLAR

uma marca da Oficina do Livro - Sociedade Editorial, Lda.

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide - Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Jacob Pétry

Publicado por acordo com HarperCollins Publishers

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: info@estrelapolar.leya.com

www.estrelapolar.com.pt

www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico

Para Ryan Jolley,
pelos exemplos de fé e de amizade.

Para meus pais, Maria e Eugen,
pelos exemplos de vida.

*Para viver, habite perto do chão.
Quando pensa, limite-se ao essencial.
Em conflitos, seja justo e generoso.
Ao governar, não tente controlar.
No trabalho, faça aquilo que gosta.
Em família, esteja sempre presente.*

TAO TE CHING

Capítulo 1

O segredo por detrás da beleza

O ponto de partida de todas as pessoas que têm sucesso.

Paulo Francis batia com a mão na mesa, no escritório da Rede Globo, em Nova Iorque, protestando com os colegas de trabalho.

– Porque tenho sempre de entrevistar gente aborrecida? Eu quero a «Gisela».

Uma semana depois, o jornalista, então com 65 anos, encontrava-se frente a frente com a modelo. O encontro decorria no Circus, um restaurante de comida brasileira, a dois quarteirões do Central Park.

Gisele chegara há pouco tempo de São Paulo. Tinha quinze anos e não falava mais que meia dúzia de palavras em inglês. O seu êxito profissional era modesto ainda. Algumas dezenas de desfiles e apenas duas capas de revista, a *Capricho* e a *Marie Claire*, ambas brasileiras. Francis, dono de um estilo contundente, sarcástico e sempre temido, mostrava-se naquele dia surpreendentemente gentil.

– Você é menina ou mulher? – perguntou.

Gisele sorriu e fez um movimento com os cabelos louros.

– Mulher, claro.

Francis aproximou-se um pouco mais, tocou-lhe na grossa moldura dos óculos, fixou os seus olhos azuis e, quase num sussurro, galanteou:

– E se eu lhe disser que é a mulher mais bonita do mundo?

Gisele sorriu outra vez e disfarçou. Não sabia, certamente, como responder.

No ano seguinte, porém, Francis já não veria a sua musa subir o último degrau da fama por causa de um ataque cardíaco. Gisele foi muito além do que ele podia imaginar. Conquistou o título da mais bela do mundo, tornou-se multimilionária e é considerada também uma das cem mulheres mais influentes do planeta. E tudo em menos de uma década.

O que havia então na quase desconhecida Gisele que Francis, observador arguto, notou imediatamente?

O ENIGMA DE TAMAYO

O Upper West Side é um bairro que fica no lado oeste da ilha de Manhattan, acima da Rua 59, entre o Central Park e o rio Hudson. O local transpira tranquilidade. Conhecido como um dos dez lugares residenciais mais caros dos Estados Unidos, tem essa fama por albergar a classe cultural e artística de Nova Iorque.

Numa manhã de sábado, em março de 2003, Elizabeth Gibson, uma escritora alta, loura, de estilo elegante, residente na Rua 72, saiu em direção à Broadway que ficava a poucos prédios de onde mora. Como fazia todas as manhãs, ia tomar café num charmoso Starbucks. Quando chegou à esquina da sua rua, em frente ao edifício residencial Alexandria, viu um quadro enorme abandonado entre dois sacos de lixo. A pintura era quase inteiramente abstrata. Distinguiam-se, porém, um homem, uma mulher e uma figura andrógina, num misto vibrante de púrpura, laranja e amarelo, com uma delicada cobertura de areia. Elizabeth parou por um instante, observou a obra, intrigada, e seguiu o seu caminho.

Porém, enquanto tomava café, não conseguia esquecer o quadro. Algo a impelia a voltar ao local e fazer uma

segunda avaliação. «Aquela pintura tinha algo muito poderoso», contou ela mais tarde. Ainda tentou convencer-se do contrário: o quadro era muito grande, não caberia no apartamento e a moldura destoava por ser tão barata. Embora hesitante, acelerou o passo no regresso. Temia já não encontrar o achado, mas, por sorte, ainda lá estava. A segunda impressão foi ainda maior e Elizabeth levou o quadro consigo.

Em casa, arranjou um lugar na parede da sala de visitas. Na manhã seguinte, ao passar pelo Alexandria, abordou o porteiro e perguntou-lhe se, por acaso, não vira alguém depositar um quadro no lixo no dia anterior. Insistiu ainda junto de alguns residentes que saíam do prédio mas ninguém sabia de nada. A situação perturbava-a e decidiu telefonar a um amigo que trabalhava numa casa de leilões para lhe falar sobre o quadro. «Ele perguntou-me se a pintura tinha uma assinatura», recorda. «Respondi que tinha um nome rabiscado no canto superior direito, mas tudo o que conseguia decifrar era *Tamayo 0-70*.» Por segundos, Elizabeth acreditou que talvez descobrisse algo sobre a obra. «Mas ele não se interessou por aquele mistério tanto como eu e desligou, prometendo que me contactaria caso descobrisse alguma coisa», recorda.

Meses depois, quando mudava o quadro de lugar, Elizabeth deu-se conta que havia carimbos no verso. Um era do Museu de Arte Moderna de La Ville, em Paris. Outro da Perls Gallery, uma antiga casa de arte de Manhattan que havia fechado em 1996. E um terceiro, da Galeria Richard Feigen, também em Manhattan. «Cada vez me convencia mais de que a pintura era valiosa», explicou. Telefonou então para a Richard Feigen, mas o enigma persistia: não havia registo algum do quadro.

Decorreu quase um ano e Elizabeth, que continuava intrigada, falou a um estudante de belas-artes, que conheecera casualmente, no quadro que encontrara no lixo. Dias depois, ele apareceu-lhe com um catálogo no qual

constava uma pintura de um mexicano chamado Rufino Tamayo vendida por 500 mil dólares. «Fui até à biblioteca da universidade onde o rapaz estudava e lá encontrei uma pilha de livros sobre Tamayo», relembra. Um deles tinha na capa nada menos que a pintura encontrada no lixo. Agora, que sabia que pintor e obra eram famosos, uma nova pergunta não a deixava dormir: seria o quadro original? Pelo sim, pelo não, Elizabeth achou melhor não deixar mais a obra exposta e, com a ajuda de uma amiga, removeu a parte de trás do roupeiro e criou uma parede falsa. Cuidadosamente, envolveu o quadro em cortinas velhas e escondeu-o ali, decidindo não falar mais publicamente sobre o caso.

Tempos depois, Elizabeth leu que uma televisão do estado de Maryland iria retransmitir um documentário sobre obras-primas desaparecidas que incluía uma de Tamayo. E não teve dúvida de que ali estaria a informação que tanto procurava. Mas havia um problema: o canal de televisão cobria a região de Baltimore, em Maryland, e Elizabeth estava em Nova Iorque. Decidida a não perder a oportunidade, certificou-se que chegaria a tempo e apanhou o primeiro autocarro para Baltimore chegando ao hotel em cima da hora. No quarto só teve tempo de atirar a bolsa para cima da cama. O programa que esclareceria o mistério que, para ela, já contava quatro anos ia começar enfim. *Três Personagens* era um original de Rufino Tamayo e fora roubado a um casal em Houston, no Texas, duas décadas antes. Havia sido objeto de investigação do FBI e tinha um valor estimado em um milhão de dólares. Assim que regressou a Nova Iorque, Elizabeth marcou um encontro com August Uribes, diretor da Southeby's, famosa casa de leilões, entrevistado pelo programa, em sua casa. Ao ver o quadro, Uribes reconheceu-o imediatamente. Era, de facto, o original de Rufino Tamayo.

O que levou Elizabeth, que nunca entendeu muito de arte, a intuir desde o primeiro momento que o quadro encontrado no lixo era valioso? Porque fez ela, durante tanto tempo, o possível para desvendar um mistério que sabia existir? De onde vinha o poder que tanto intrigou Elizabeth? Que segredo, afinal, se esconde por detrás da beleza?

O PODER DO DISCURSO SIMPLES

Em julho de 2004, o Partido Democrata americano realizava a sua convenção nacional quando um jovem político de 43 anos subiu ao palco. O seu nome era Barack Hussein Obama. Até ser escolhido para fazer a declaração naquela convenção, Obama era praticamente um desconhecido no meio político americano. A sua área de atuação restringia-se ao estado de Illinois, onde, em 1996, havia sido eleito deputado. Fora isso, trabalhara como líder comunitário, advogado e professor de Direito Constitucional na Universidade de Chicago. Em 2000, tentou eleger-se para o Congresso Americano e não conseguiu. Apesar do fracasso, três anos depois, anunciou a sua candidatura ao Senado e venceu as primárias do partido apesar de enfrentar uma luta desigual contra políticos de carreira. A vitória fez com que o escolhessem como orador de honra na convenção nacional. Era tudo o que Obama precisava. Ao fim de quinze minutos tornar-se-ia num ídolo nacional. A sua declaração entrou para a história como «O Discurso».

Enquanto falava, Obama retirou as pessoas das posições cómodas onde há muito se tinham instalado e levou-as aos diversos lugares que haviam marcado a sua longa trajetória familiar. Fez com elas um percurso por aldeias pobres do Quénia, onde nascera o pai, retornou para as fazendas do Kansas, terra natal da mãe, prosseguiu para o

Havai com o avô, rumando em seguida a Harvard, onde se graduou, para descer uma vez mais aos lugares mais pobres de Illinois, onde, mesmo com um diploma de primeira linha, prestou serviços comunitários durante vários anos.

Partindo de diferenças, Obama criou semelhanças. Uniu cores, nações, raças, crenças e posições sociais. «Num país como a América, o nome não deve ser problema para uma pessoa alcançar o sucesso», disse, justificando o seu nome incomum, dissociando-o de inimigos como Sadam Hussein e Osama Bin Laden.

No final do discurso, quando pronunciou a última frase, havia transformado a sua história pessoal na história de cada americano cativando o coração de milhões de pessoas.

Provavelmente, você já presenciou um momento como esse. Um professor, um conferencista, um líder empresarial que sobe ao palco e encanta com a mesma elegância simples, porém mágica, de Obama. É a mesma sedução de um quadro valioso como o de Tamayo e de uma jovem modelo prestes a tornar-se a mais bela do mundo. São exemplos do misterioso fascínio que algumas pessoas, ou objetos, exercem sobre nós. De onde vem esse poder? Que segredo se esconde por detrás de tão diferentes formas de beleza?

Deparei-me com esse mesmo fenómeno, no verão de 2006, ao visitar o Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, em Madrid. Ansioso, avançava pelas galerias do museu, quase sem reparar nas outras obras que encontrava. Queria realizar um sonho de infância: ver *Guernica*, a famosa pintura de Pablo Picasso, uma das mais conhecidas no mundo. Pintada em 1937, retrata o bombardeamento da vila de Guernica ocorrido durante a guerra civil espanhola. Trata-se de uma imensa tela de três metros e meio de altura com quase oito de largura. À primeira vista, as imagens, a preto e branco com leves

tons azulados, são confusas, indefinidas e quase incompreensíveis.

Quando vi o quadro, a primeira impressão nada teve de espetacular. «O que há de especial nisto?», questionei-me. E a primeira resposta que surge é nada, pelo menos aparentemente. Não se pode considerar um quadro «belo», pois ali está representado todo o horror. Decidi então explorar a pintura com mais atenção. Logo o encanto se revelou. As cenas de morte, violência, brutalidade, sofrimento e súplica que enchem a tela finalmente tocaram-me.

O que via então não era mais a Guernica representada por Picasso, mas algo bem mais poderoso. Senti fluir da pintura um sentimento de dor, de agonia, de compaixão. Da tragédia ocorrida em Espanha, o quadro levou-me aos mais distintos cenários de violência e sofrimento humano, do Iraque ao Afeganistão, do Ruanda às favelas do Brasil, das dores do mundo às minhas próprias.

Deixei o museu intrigado. A excepcionalidade de *Guernica* não está propriamente nos seus traços, flui por eles. Existe uma beleza que ultrapassa o que vemos na tela.

GISELE E O CONCEITO DE BELEZA

Pense na seguinte questão: Gisele Bündchen é, realmente, a mulher mais bonita do mundo? Claro que não. É uma mulher linda, isso é inquestionável. Porém, qualquer um concorda que, se saíssemos por aí com o objetivo de encontrar mulheres bonitas, podíamos encontrar algumas mais. A própria Gisele não se considera assim tão bonita. «Pensava que era a pessoa mais estranha que já andara na face da Terra», disse, certa vez, referindo-se à sua adolescência. No colégio chamavam-lhe Olívia Palito e Saracura e, no início da

carreira, era recusada frequentemente. Diziam que a sua forma de andar era esquisita. Como tinha um nariz muito grande, os especialistas em moda afirmavam que jamais conseguiria ser capa de revista. Ainda hoje, ela pensa que o seu nariz não é o ideal. E nem o cabelo escapava aos comentários menos abonatórios antes da fama porque, como qualquer adolescente comum, fazia *brushings* frequentemente e inventava cortes.

Sendo assim, o que viu então Paulo Francis, e depois todo o planeta, em Gisele a ponto de concluir que ela era a mulher mais bonita do mundo? Como conseguiu ela causar essa impressão? Ou seja: qual é o segredo por detrás da beleza de Gisele Bündchen?

Para responder a essa questão, temos de voltar ao item anterior, quando afirmei que, ao deixar o Centro de Arte Reina Sofia, em Madrid, tive a sensação de que a excepcionalidade de *Guernica* não estava propriamente nos seus traços, mas fluía por eles. É exatamente a mesma certeza que me acompanha quando vejo o desempenho de pessoas como Gisele, Obama e tantos outros. Se, no caso de Gisele, essa força não é, como somos levados a pensar, a beleza física, que força é essa?

Vamos analisar o que alguns profissionais próximos de Gisele dizem sobre ela. «Gisele é a expressão máxima da vocação para o que faz», refere o fotógrafo brasileiro Bob Wolfenson, que trabalha com a modelo desde que se estreou aos catorze anos. No início da carreira, num dos primeiros ensaios que Gisele realizou, Wolfenson disse-lhe: «Chora.» E Gisele chorou. «É um génio na *passerelle* e em frente das câmaras», elogia Wolfenson e conclui: «Há uma palavra-chave que define o seu potencial: autocontrolo.» Steven Meisel, um dos fotógrafos internacionais mais prestigiados no mundo da moda, sublinha a mesma coisa: «Gisele é uma camaleoa e uma boa atriz.» E explica: «Ser atriz faz parte do ofício de modelo. Ela é capaz de encarnar uma série de emoções

distintas com uma facilidade invulgar.» A opinião de Meisel e Wolfenson é reforçada pela estilista Donatella Versace. «O seu estilo infunde vida à roupa, tornando-a expressiva e *sexy*», refere.

O interessante nestes três depoimentos é que nenhum faz referência à beleza física de Gisele. O que Meisel, Wolfenson e Donatella exaltam é a habilidade, o talento que ela possui para encarnar diferentes papéis, expressar emoções, de uma maneira genuína, quando desfila na *passerelle* ou está em frente das objetivas dos fotógrafos. Não é apenas a sua beleza física, é o seu modo de fazer que a diferencia. Essa parece ser a chave do mistério de todas as histórias de sucesso. Assim como a pintura de Picasso, o discurso de Obama e o quadro de Tamayo, a beleza de Gisele é o resultado de uma força que flui por ela, o seu talento natural aprimorado à perfeição. Paulo Francis, ao afirmar que Gisele era a mulher mais bonita do mundo, foi suficientemente subtil para perceber isso.

Por outras palavras: o que admiramos em Gisele quando pisa a *passerelle*, ou posa para um fotógrafo, não é exclusivamente a harmonia dos seus traços e a sua forma física, embora sejamos muitas vezes iludidos por isso. O que nos encanta, na verdade, é o seu talento. «No início, não fazia a menor ideia do que era ser modelo», confessa ela. «Não sabia que, quando se está no palco, ou em frente das câmaras, trabalhando como modelo, é necessário tornarmo-nos uma outra pessoa, encarnar uma personagem», revela. Aquilo que Gisele designa como «encarnar uma personagem» nada mais é que dar expressão ao talento. Ao longo da carreira, foi aperfeiçoando esse talento a ponto de atingir a perfeição.

Esta forma de agir ensina-nos duas lições fundamentais para compreender o sucesso. A primeira lição mostra-nos que o segredo que está por detrás de toda a beleza é a manifestação natural de um talento genuíno desenvolvido ao ponto de atingir praticamente os limites da perfeição.

Transporte o talento para a oratória de Barack Obama; a forma singular de desfilarm ou a virtude fotogénica de Gisele e eles serão apenas mais uma pessoa com a qual nos cruzamos na rua sem despertar a nossa atenção. A segunda lição deriva da primeira e é muito mais simples, porém conclusiva: se negligenciar o seu talento, estará a negligenciar a sua força maior.

DESCOBRINDO OS PONTOS FORTES

Valdir Bündchen, pai de Gisele, é um homem próximo dos 60 anos. É alegre, comunicativo, dono de uma energia bastante incomum. Fala depressa e faz inúmeras pausas e inflexões de voz. O seu currículo é amplo e eclético, mas, acima de tudo, é um especialista em treino pessoal. Na década de 1990, iniciou um fascinante trabalho a que chamou *Estudo de Perfil Pessoal*. Valdir aplica esse estudo nas empresas onde faz assessoria. O objetivo é descobrir o talento de cada elemento da equipa de trabalho e investir nele. «Uma vez conhecido o potencial de cada um, a empresa é aconselhada a proporcionar condições a esse trabalhador de modo a poder desempenhar funções na área em que as suas atribuições mais contribuem para desenvolver o potencial revelado», refere.

E de tal forma Valdir estava convicto dos bons resultados do seu *Estudo* que, assim que cada uma das filhas completava catorze anos, o aplicava para descobrir o seu potencial. Como passo seguinte, sugeria que investissem numa área que o desenvolvesse. «É uma ideia muito simples. Não existe nada de novo nem de misterioso nela, porém, quando aplicada, gera resultados espantosos», garante. E refere porquê: «Construir sobre o talento leva as pessoas a despertar a curiosidade e a paixão que trazem dentro de si e não há fonte de energia maior do que essa.» Segundo Valdir, tudo aquilo que

precisamos é descobrir onde está a nossa paixão e curiosidade e trabalhar nessa área. Efectivamente, parece ser uma questão muito óbvia, mas o problema está no facto de que o que acontece no dia a dia é exactamente o contrário. Somos levados a ignorar o nosso talento.

Imagine, por exemplo, que tem uma facilidade enorme para aprender matemática, mas que, em português, as suas notas são um desastre por causa da gramática. No momento em que o professor repete algum ponto que um colega não compreendeu, já você absorveu toda a matéria dada. Sente-se desafiado pela matemática, ela estimula-o. Olha para os colegas e pergunta-se: «Como podem complicar tanto algo tão simples?» Em gramática, porém, é o contrário: falta vontade, curiosidade, o conteúdo é chato, as regras gramaticais não lhe despertam o mínimo interesse. O livro de matemática está todo rabiscado com exemplos e anotações. O livro de português está intacto, novinho em folha.

O que acontece geralmente nestes casos? Se puder, procura explicações particulares de gramática. Os pais estão sempre a acicatá-lo no sentido de estudar a disciplina. O presidente do conselho diretivo chama-o e aconselha-o a estudar português. O professor de português... já não aguenta mais ouvir falar de português e de gramática. É assim durante o ano letivo e no fim dele a coisa ainda se complica mais com revisões da matéria.

É claro que não estou a afirmar que não tenha de se estudar gramática ou, no caso inverso, matemática. Cada uma dessas disciplinas é fundamental para um excelente desempenho na vida. O problema é que, seguindo o exemplo acima, em todas as circunstâncias a pauta é a gramática, ou seja, o seu ponto fraco. Desde muito cedo, é forçado a concentrar-se nos seus pontos fracos e não nos seus talentos. Esses ficam sempre em segundo plano. É orientado a investir tempo e energia na tarefa ingrata de reforçar as suas fraquezas, pensando que desse modo

atingirá a excelência. Pesquisas revelam que alunos com bom desempenho escolar nem sempre atingem sucesso profissional. E como poderia não ser assim? Veja-se que os génios da matemática são forçados a decorar conjugações de verbos e regras de sintaxe durante anos. Os génios da gramática são forçados a memorizar fórmulas. Resultado: elevamos os nossos pontos fracos e reduzimos os nossos pontos fortes e, geralmente, atingimos apenas a média.

Valdir Bündchen fez exatamente o contrário relativamente à sua família. Mais do que ninguém, é um investidor no talento pessoal. Desde muito cedo, estimulou as filhas a descobrir os seus pontos fortes e estimulou-as a desenvolvê-los. Quando alguém percebeu o potencial de Gisele, ela tinha apenas treze anos, mas, mesmo assim, Valdir passou imediatamente a investir nesse talento, desenvolvendo um processo de acompanhamento que proporcionasse à filha a liberdade de fazer escolhas que a conduzissem na direção do seu propósito. Quando Gisele passou a interessar-se pela carreira de modelo, apesar de muito jovem, tornou-se evidente que tinha talento, porque já havia participado em vários concursos e mostrava-se apaixonada pelo que fazia. Todavia, surgiram também as dúvidas.

Seguir a carreira de modelo significava deixar a casa dos pais, correr riscos, dedicar-se quase exclusivamente à tarefa, sacrificando outras prioridades, inclusive, uma educação formal. «Gisele foi sempre muito determinada e sabia muito bem o que queria fazer», refere Valdir. «Não devemos sugerir aos filhos a profissão a seguir. A nossa missão é transmitir os valores e os ensinamentos aprendidos ao longo da vida, sem jamais impor qualquer ideia. Você apenas sinaliza o que pode ser feito», explica. Com as outras cinco filhas, repetiu o mesmo processo. Cada uma foi apoiada a seguir especificamente o seu talento. Hoje, juntas, formam uma equipa profissional que se completa nas suas diferenças e, por isso, podem pensar

em resultados diferenciados de alto grau de desempenho. «Cada pessoa tem o seu talento», afirma Patrícia, irmã gêmea de Gisele, que desenvolveu o seu na área de relações públicas.

Valdir Bündchen tem uma forma muito especial para explicar a sua teoria. «Se duas pessoas disputam salto em altura e uma toma impulso num piso de areia enquanto a outra o faz num piso de mosaico, quem terá o melhor impulso e, conseqüentemente, o melhor salto?», questiona numa das nossas inúmeras conversas. «A pessoa que está no piso de mosaico, claro», respondi. «Bem, o talento é o piso de mosaico. Aquele que assegurará um impulso extraordinário», concluiu.

O que Valdir quis dizer é que se você não trabalhar a área do seu talento, não há segurança e, sem segurança, não terá a confiança necessária para assumir riscos e fazer os investimentos necessários para ter sucesso e felicidade.

O EQUÍVOCO DAS IRMÃS POLGAR

Tudo isto parece óbvio. Todos temos consciência de que o talento é a base de tudo. O que acontece na vida, no entanto, parece ser exatamente o contrário. Ignoramos o talento e acreditamos que escolher uma profissão rentável e ter boa formação nessa área é o mais importante. Mas isso não é o mais importante. Um bom exemplo do quanto o talento é fundamental para quem busca o sucesso e a satisfação na vida pode ser observado na obra do psicólogo e pedagogo húngaro Laszlo Polgar. Durante a década de 1960, Polgar estudou a biografia de centenas de grandes intelectuais e concluiu ter encontrado um padrão comum: todos haviam recebido uma intensa especialização numa determinada área desde muito jovens. A partir dessa constatação, Laszlo convenceu-se

de que a genialidade era produto exclusivo da educação e da prática. E mais: responsabilizou o sistema de ensino público por produzir mentes medíocres. Em contrapartida, estava convicto de que ele mesmo poderia tornar qualquer criança saudável num génio e na área em que ele bem entendesse.

Ainda jovem, Polgar escreveu um livro intitulado *Criando Génios*, no qual explica o método que o habilitaria a desenvolver a genialidade em qualquer criança. Mas a história de Polgar tornou-se realmente interessante quando, para provar a sua teoria, procurou publicamente uma mulher interessada em participar no projeto. Através de anúncio de jornal, Laszlo procurou alguém que se propusesse casar com ele, ter filhos e o ajudasse na realização da experiência de transformar os filhos em génios. A ideia, que correu o mundo, impressionou Klara, uma professora da Ucrânia, que aceitou a proposta. E casaram. Em 1969, nasceu Suzan, a primeira filha do casal. Quando completou quatro anos, o casal Polgar iniciou a experiência e decidiram que a atividade perfeita para desenvolver a futura genialidade da filha seria o xadrez. Polgar justificou a opção dizendo que o xadrez, além de ser uma arte, poderia também ser considerado uma ciência. Tal como todos os desportos competitivos, oferecia facilidade na demonstração de resultados práticos. Em 1974, nasceu a segunda filha, Sofia. Menos de dois anos depois, nasceu a terceira, Judit, e ambas foram incluídas no programa. Muito antes de aprenderem a falar e a andar, Sofia e Judit já eram colocadas à frente do tabuleiro, onde Laszlo treinava Suzan durante a maior parte do dia.

Dado que Laszlo acreditava que a escola tradicional era perda de tempo, solicitou autorização do governo húngaro para educar as filhas em casa. Ele e Klara intercalavam as longas horas de prática de xadrez com aulas de línguas e matemática avançada. A educação era rígida e ocupava

praticamente todo o dia, sacrificando, inclusive, as horas de lazer e de convívio em prol da agenda definida pelo pai das meninas. Assim, Suzan já falava fluentemente sete línguas no início da adolescência. «O meu pai acreditava que era necessário aproveitar o tempo durante a infância em vez de o desperdiçar a brincar ou a ver televisão», diria ela mais tarde. «Defendia a ideia de que o talento inato vale zero e que 99 por cento do sucesso é o resultado de trabalho árduo», afirma. «E eu concordo com ele», completou. Ao longo de toda a infância, e na maior parte da adolescência, as irmãs Polgar respiravam xadrez. Centenas de livros sobre o assunto ocupavam as prateleiras da casa. O sistema de arquivos montado por Laszlo cobria uma parede inteira, incluindo descrições pormenorizadas de jogos, técnicas e dados sobre os potenciais oponentes das filhas. Até mesmo a decoração da casa era composta por enormes quadros que retratavam lances e jogadas dos grandes campeões de xadrez de todos os tempos.

Qual o resultado de todo este esforço? Com tamanha disciplina, prática e dedicação à aprendizagem de técnicas, seria lógico que as irmãs Polgar obtivessem um sucesso considerável. Mas chegariam elas ao topo e conseguiriam lá permanecer?

Aos 17 anos, Suzan tornou-se a primeira mulher a qualificar-se para o que, então, se chamava Campeonato Mundial Masculino de Xadrez. Mas, justamente pelo facto de ser um campeonato masculino, não pôde participar. Em 1988, as três irmãs competiram, como equipa, na Olimpíada Feminina e obtiveram a primeira vitória da Hungria contra os soviéticos. Todas conseguiram vitórias consideráveis. Das três, porém, Judit, a mais nova, subiu mais alto, todavia, nenhuma delas chegou a vencer o campeonato mundial e assim atingir o nível mais elevado do objetivo. E o mais frustrante de tudo é que, quando completaram 20 anos, idade em que a maioria dos

xadrezistas ainda luta por um lugar no topo, as irmãs Polgar decidiram desistir do projeto do pai, afirmando que «havia mais coisas na vida além do xadrez».

Ao longo dos anos, a história das irmãs Polgar foi amplamente tomada como exemplo por teóricos que tentaram provar que o talento é irrelevante. Mas, se analisarmos a experiência de Laszlo de uma maneira mais profunda, observaremos que a perspectiva desses teóricos é vaga e incompleta. Vejamos porquê: o xadrez exige três ações do cérebro. Para se tornar um bom jogador, o cérebro precisa compreender primeiro as regras, ou seja, aquilo que cada peça pode realizar dentro dos limites estabelecidos. Depois, é necessário imaginar eventuais jogadas e, por último, analisar qual é a jogada mais vantajosa. É verdade que estes três fatores podem ser desenvolvidos até certo ponto sem necessidade de talento. Ao propor a experiência, Laszlo acreditava que o bom desempenho no xadrez não só traria reconhecimento às filhas, como também as tornaria felizes e realizadas. Mas não foi bem isso que aconteceu. Afinal, foi a busca pela felicidade que as fez desistir do xadrez. A história das irmãs Polgar ilustra o motivo pelo qual tantas pessoas se tornam boas em função daquilo a que Laszlo chamou «uma intensa especialização numa determinada área», mas, entretanto, nunca atingem a excelência. Para atingir essa excelência é preciso desenvolver uma intensa especialização na área onde está o nosso talento natural.

Há duas lições básicas que podemos extrair da experiência de Laszlo e que podem ser motivo de análise.

A primeira confirma tudo o que foi dito até aqui. Ou seja, é virtualmente impossível criar um desempenho notável alcançando os limites da perfeição como os de Gisele, Tamayo, Obama, Picasso, apenas com conhecimento e aprendizagem de técnicas. Por outras palavras, o talento das pessoas não pode ser construído com técnica e conhecimento. A teoria de que cada um pode ser o que

bem quiser, bastando para isso adquirir o conhecimento e a disciplina necessária para aplicá-lo, é falsa.

A segunda lição é que a disciplina, a técnica e o conhecimento tornam as pessoas melhores em qualquer área, mas nada compensa a falta de talento. «Eu queria ser campeã mundial sempre. Mas agora sei que isso nunca acontecerá», disse Suzan. «Basta ter sido bom ou muito bom. Não há motivo para ser a melhor.» E, em jeito de consolo, refere que o risco de investir uma vida inteira em treino repetitivo sem existir talento na base leva efetivamente à saturação antes de obter os resultados desejados. Melhorar em qualquer atividade requer persistência. Para resistir à tentação de relaxar, precisamos de energia, ou seja, ter paixão e curiosidade pela atividade que desenvolvemos. A seguir, vamos compreender melhor porque acontece isso e um bom começo é definir talento.

O QUE É O TALENTO

Todos temos uma ideia do que é uma pessoa talentosa. Obama é um político talentoso. Gisele tem talento no que faz. O talento é sempre fácil de reconhecer. O problema surge quando somos questionados sobre a sua origem. Como se forma o talento? É privilégio de poucos ou existe em todos nós? É espantoso que, embora o talento seja a base da nossa vida, a maioria de nós não tem a mínima noção de como ele se forma e o que, na verdade, é.

O que é um talento? Os conceitos divergem, mas, na essência, todos dizem a mesma coisa. Talento é uma aptidão natural que possuímos para fazer alguma coisa com uma naturalidade superior relativamente à maior parte das outras pessoas. Tente recordar-se de quando recebeu o primeiro brinquedo, seja lá o que tenha sido: um carro de bombeiros, uma boneca, um *kit* de médico ou

um capacete de astronauta. Dizia então a toda a gente que, quando crescesse, queria ser bombeiro, estilista, astronauta ou médico. Essa paixão infantil por uma determinada profissão, sem se preocupar ou saber o respetivo salário, o estatuto social e o que seria necessário para alcançá-la, é um forte indício de onde está o seu talento. É esse sentimento de criança de «eu quero fazer isso porque quero» sem necessitar de explicar o motivo que precisamos redescobrir. Por outras palavras, descobrir o nosso talento é deixar o nosso brinquedo interior revelar-se. Todos nós temos um e, quando você descobrir o seu, vai reconhecê-lo imediatamente. Talento é exatamente esse brinquedo interior.

Como se forma e manifesta o talento em nós? Essa aptidão natural depende, pelo menos em grande medida, da formação das ligações entre os neurónios no cérebro. A formação dessas ligações ocorre quase na sua totalidade ainda durante os primeiros anos da infância, razão pela qual não será possível, depois de determinada idade, alterar a configuração dessas ligações, pelo menos de maneira radical e, por consequência, alterar o nosso talento ou mesmo desenvolver um talento novo. Isto explica porque são os nossos talentos inatos, vitalícios e insubstituíveis. Por esta razão, se descobre que possui uma aptidão para a matemática, por exemplo, por mais gramática que estude, nunca atingirá a mesma facilidade para aprender gramática como possui para aprender matemática.

O mistério desse processo está nas chamadas sinapses que ocorrem ao longo da infância. Uma sinapse é a ligação entre células cerebrais, os chamados neurónios. Cada neurónio comunica com milhares de outros neurónios e as interconexões que ocorrem entre eles, à medida que vão recebendo estímulos, fortalecem-se, criando espirais-padrão que se formam à volta desses neurónios. O nosso talento é, em grande parte, definido

pelas informações transmitidas por meio dessas espirais-padrão. «O cérebro de uma criança produz bilhões de sinapses a mais do que o cérebro de um adulto», escreve John T. Bruer, especialista em filosofia e neurociências. As espirais estimuladas desenvolvem-se. As que são ignoradas definham ou são completamente eliminadas. Como um escultor que talha a madeira, dando forma à sua escultura, os processos de estímulo captados pelo cérebro moldam as nossas aptidões.

Porém, esse processo tem pouco ou nada a ver com inteligência. De acordo com Bruer, a nossa inteligência depende muito mais do quanto usamos e estimulamos as nossas conexões mais fortes. Uma vez que a configuração da nossa rede mental é definida, o cérebro passa a operar melhor nas áreas onde as conexões se estabeleceram com maior intensidade. Por isso, nessas áreas aprender torna-se fácil. Nelas encontram-se as nossas espirais-padrão mais fortes. É também onde está o nosso talento. Por tudo isso, é possível dizer que o talento é um efeito da combinação entre herança genética e experiências durante os primeiros anos da infância. Juntos, genes e estímulo formam as habilidades.

De acordo com Bruer, não há risco de ficarmos para trás por não termos recebido os estímulos cognitivos adequados durante a infância. Argumenta ele que, embora genes e estímulo tenham papel importante na formação cognitiva, a ideia de provocar «o estímulo certo» ou de ser vítima de uma «ausência de estímulo» é muito mais um mito do que uma realidade. A formação dos padrões comportamentais ocorre em estágios conhecidos como períodos críticos, que são janelas ao longo do desenvolvimento do nosso cérebro. O que dificulta a tentativa de fazer um estímulo voluntário numa criança, de acordo com Bruer, é o facto de não sabermos qual o momento, ao longo do desenvolvimento cerebral, em que essas janelas se abrem. «O cérebro alimenta-se de

estímulos que acontecem a toda hora, em qualquer lugar, de forma singular, fugindo absolutamente de qualquer controlo externo», conclui Bruer. Por isso, uma criança que nasce rodeada de psicólogos encarregados de provocar estímulos com o objetivo de torná-la um gênio não tem nenhuma vantagem sobre a outra, que passa os seus dias com uma ama que não possui especialização alguma.

Vamos fazer um pequeno exercício para compreender a relação do talento com as nossas configurações cerebrais. Imagine que as suas conexões sinápticas são um sinal de internet sem fios. O sinal mais forte, a conexão 1, possibilita o acesso instantâneo. Você consegue desenvolver a sua pesquisa de forma muito ágil e eficiente. O sinal seguinte, a conexão 2, é um pouco mais fraco. Você consegue aceder à internet, mas a velocidade da conexão não é ágil como a conexão 1. O terceiro sinal já é bastante mais fraco, ainda consegue aceder à internet, mas demora a abrir a página inicial do seu servidor. A pesquisa é mais lenta, a eficiência e a agilidade estão comprometidas. E assim, quanto mais se afasta da conexão principal, mais o sinal enfraquece e os resultados serão cada vez mais comprometidos. O serviço fica mais lento. Até que, a determinada altura, já não há conexão alguma e o acesso torna-se impossível. O mesmo ocorre com a estrutura do seu cérebro.

Você tem as espirais-padrão mais fortes. É ali que se encontra o seu talento principal e, na medida em que as suas funções se distanciam dessas espirais-padrão principais, o seu desempenho vai-se comprometendo. Por isso, em certas áreas, você consegue desenvolver certas atividades facilmente, enquanto noutras a dificuldade é tão grande que acaba por se descontrolar. A linha 1 é o seu brinquedo interior, onde queima a chama da paixão e em que o talento pode fluir facilmente. Se a aptidão para a matemática é a sua linha 1, por exemplo, a física, pode ser

a sua linha 2, a química a linha 3, e história ou gramática seriam, neste caso, linhas com sinais bem mais fracos.

Tudo isto nos leva a uma conclusão deveras simples. Se tentar desenvolver as áreas onde o seu sinal é fraco, como história ou gramática, experimentará sérias dificuldades. Não terá entusiasmo pelo que estiver a fazer. E sem entusiasmo a realização estará comprometida. Não há como atear o fogo da paixão nos outros se ele não estiver a arder em si – artistas como Tamayo e Picasso usaram o seu talento colossal para realizar obras que nos causam impressão proporcional à paixão que possuíam pela pintura.

Pense, durante um momento, na sua infância, ou mesmo na sua adolescência. Tente recordar-se daquilo em que era considerado um talento. Agora, imagine que, desde criança, investiu todo o seu tempo e esforço exclusivamente nesse talento. Imagine que, ao longo de toda a sua vida, desde a mais tenra infância, todo o seu treino, educação, prática e conhecimento foram direcionados para o objetivo específico de desenvolvimento desse potencial. Como estaria você agora?

O que aconteceu entretanto com esse talento? Se é como a maioria das pessoas, ignorou-o completamente. Isso acontece porquê? Porque temos dificuldade em nos convencer de que temos uma habilidade especial. Parece que é possível ver essa habilidade em todos, menos em nós mesmos.

Tente, por exemplo, ver as coisas na perspetiva de Gisele Bündchen. Imagine que possui um tipo invulgar de beleza. Toda a gente comenta esse facto e você sente-se motivado. Porém, observa à sua volta e vê tanta gente bonita, com corpo perfeito. Agora imagine que, além da beleza, alguém lhe diz que tem um talento especial. «Mas qual talento?», questiona-se. «Desfilar? Posar para os fotógrafos? Uma coisa tão simples, tão banal. Quem não

sabe fazer isso?», pensa. Porque haveria de acreditar que seria possível ganhar dinheiro se fizesse disso a sua profissão? Por mais banal que esta perspectiva possa parecer, é na verdade um dos motivos principais pelo qual a maioria de nós vive uma vida profissional entediada, medíocre, afastada do nosso potencial. A tendência para ignorar o nosso talento tem a sua origem na própria singularidade do facto. Por trabalharmos com incrível facilidade nas áreas onde está o nosso talento, ignoramos a nossa excepcionalidade, pensamos que toda a gente é capaz de fazer a mesma coisa sem esforço. Mas tal não acontece. Aquilo que você faz com excepcional facilidade é extremamente complicado para mim. E é exatamente isso que faz com que investir no nosso potencial seja tão difícil: simplesmente porque não nos reconhecemos como geniais.

SÍNTESE

Vimos até aqui que o primeiro passo para o sucesso é identificar o nosso talento e depois construir a nossa vida sobre ele. Observámos que o princípio vital que distingue as pessoas que atingem desempenho excepcional daquelas que fracassam é que as primeiras identificam o seu talento e desenvolvem-no ao longo da vida. O tipo de talento que mais importa explorar encontra-se sempre naquela área precisa pela qual temos paixão. Esse é o fundamento de toda a vida vivida com plenitude, dado que o impulso natural da vida é desenvolver o seu potencial ao máximo, ou seja, estender os seus limites até encontrar uma realização plena. Se negligenciar o seu talento, omite o seu potencial e, como consequência, está a impedir a expansão da vida. Por isso, ela tornar-se-á, inevitavelmente, um fardo.